

Articulando Diferentes Enfoques Teóricos na Terapia Familiar

Terezinha Féres-Carneiro¹
Edna Lúcia Tinoco Ponciano

Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Brasil

439
ARTICULOS

Resumo

Não é fácil tentar definir e nomear brevemente as abordagens teóricas da Terapia de Família. A identidade da Terapia de Família pode ser conhecida pela dinâmica desta diversidade que a constitui. Nossa proposta busca ressaltar as diferenças na história da Terapia de Família e considerar uma articulação sistemática dos enfoques teórico-práticos. Realizamos uma pesquisa, no Rio de Janeiro, confirmando a inicial predominância da teoria sistêmica e a diversidade na trajetória dos terapeutas de família cariocas. Apresentamos alguns relatos de trajetórias profissionais, indicando as principais características. Concluímos destacando a discussão sobre o tema da articulação entre diferentes referenciais teórico-práticos e da relevância histórica do Brasil e da América Latina.

Palavras-chave: Terapia familiar; história da psicologia; características do terapeuta.

Articulating Different Theoretical Views in Family Therapy

Abstract

It's not easy trying to define and name briefly the theoretical approach of Family Therapy. The identity of Family Therapy can be recognized through the dynamics of the diversity that constitutes it. Our proposal aims to emphasize the differences in the history of Family Therapy and consider a systematic articulation of the theoretic and practical approaches. In a research that had family therapists from Rio de Janeiro as subjects, we were able to confirm both the predominance of the systemic theory initially, as well as the differences in the course of their careers. We present some reports on professional experiences that point to the main characteristics. We concluded by emphasizing the debate on the articulation between different theories and therapeutical practices and the historical importance of Brazil and Latin America.

Keywords: Family therapy; history of psychology; therapist characteristics.

A diversidade, a convivência e a assimilação das diferenças são características marcantes da Terapia de Família. Temos profissionais vindos de diferentes áreas, referenciais teóricos de várias disciplinas, entre ciências humanas e exatas, e práticas diferenciadas, incluindo o indivíduo, a família ou o sistema mais amplo e considerando os aspectos históricos e sócio-culturais. É uma árdua tarefa, portanto, definir e nomear brevemente a abordagem teórica desta prática terapêutica. Estudar esta diversidade tem sido para nós um desafio. Semelhante ao contexto familiar, pode-se almejar que a identidade da Terapia de Família seja reconhecida pelo nome em comum, tal como um nome de família, mas os diferentes nomes dos membros individuais participam alimentando a identidade do grupo maior. Para conhecer a identidade da Terapia de Família é necessário, portanto, conhecer a dinâmica da diversidade que a constitui. Nossa proposta é tanto ressaltar esta diversidade quanto pensarmos sobre a possibilidade de construirmos uma articulação sistemática de diferentes enfoques teórico-práticos.

Com um movimento do olhar direcionado para a história da Terapia de Família, destacando o Rio de Janeiro, vamos nos posicionar diante de sua diversidade. Este mo-

vimento pode-nos causar três tipos de reação: estranheza, confusão ou um encontro inesperado. Movendo-nos para uma sensação mais positiva, ao reconhecer a riqueza das alternativas disponíveis, podemos combinar as três reações, ultrapassando-as. Aos poucos é possível que a estranheza ceda lugar a uma constatação de que a Terapia de Família não está sozinha. A Psicologia é múltipla em suas construções desde o seu período inicial no século XIX. Da confusão, ligada a um desejo de definição objetiva da identidade, podemos nos transpor ao surpreendente encontro com a diferença, na qual a fecundidade de uma prática terapêutica encontra-se em sua pluralidade e não em uma estabilidade monolítica.

Diversas Fontes de Inspiração: de Palo Alto ao Rio de Janeiro

A Terapia de Família é comumente confundida com um nome genérico, identificado a uma abordagem teórica ampla, que é a da referência sistêmica. Esta prática terapêutica recebeu, porém, inúmeras influências vindas de diversas áreas de conhecimento. Sua história é mais conhecida pelo desenvolvimento de um grupo de pesquisas dirigido por Gregory Bateson, antropólogo, que nos anos 50 em Palo Alto, pesquisava sobre esquizofrenia. Observando a interação entre os familiares do paciente, incluindo-o, Bateson cunhou um termo que alimentou a esperança de uma cura eficaz para esta grave doença. Estamos nos

¹ Endereço: Rua General Góes Monteiro, nº 8, Bloco D, apto 2403. Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, 22290-080, Brasil. E-mail: teferca@psi.puc-rio.br.

referindo ao conceito de duplo-vínculo, que influenciado pela cibernética, teoria geral dos sistemas e teoria da comunicação, entre outras, explicava a esquizofrenia pelo comportamento comunicacional. Procurava-se evitar os tradicionais conceitos psicológicos e sugerir uma compreensão da doença que é relacional, antes de ser individual (Watzlawick, Beavin, & Jackson, 1993; Winkin, 1981; Wittezaele & Garcia, 1994). Portanto, com o objetivo de explicitar a etiologia da esquizofrenia, sem considerar aspectos individuais ou intrapsíquicos, Bateson e sua equipe observavam os padrões de comunicação entre os membros da família.

A predominância da referência sistêmica anuviou uma possível visão das influências que estavam mais vinculadas à tradição psicológica, principalmente a influência da Psicanálise. Don Jackson, psiquiatra, pesquisador do grupo de Palo Alto e fundador do *Mental Research Institute* (MRI), defendia a separação entre a Terapia de Família e a Psicanálise. Para ele, uma confusão entre ambas dificultaria o desenvolvimento da Terapia de Família (Brighton-Cleghorn, 1987).

Desse modo, retornando aos anos 50, nos Estados Unidos, podemos observar uma virada para o exterior quanto à compreensão da doença mental, contrapondo-se à ênfase no interior. Formava-se um conjunto inicial de referências, composto por disciplinas que justificavam esta virada, como, por exemplo, a cibernética, afirmando a impossibilidade de se conhecer o que se passava no interior da caixa escura (ou mente). Qualquer consideração só poderia ocorrer por inferências, sem a possibilidade da verificação. Tal como acontecia na psicologia científica, representada pelo behaviorismo, buscava-se a observação objetiva². Procurava-se firmar uma analogia em que a observação da entrada (*input*) e da saída (*output*) da informação na caixa escura era transposta para a família e seus membros. Dessa forma, observava-se o comportamento-comunicação entre os membros do sistema familiar, a fim de descrever um padrão interacional. A observação desta interação, visível a partir do exterior, definia, para a Terapia de Família, uma sistematização teórica, fundamentando a sua prática terapêutica.

Até aqui fizemos menção à história que se tornou o mito fundador da Terapia de Família. A exemplo do que aconteceu com o relato histórico da Psicologia, no qual há um início *oficial* com a fundação do primeiro laboratório de psicologia científica, dirigido por Wundt, o relato

sobre a história da Terapia de Família privilegia o grupo de Bateson como fundador. Ignoramos, assim, todo um contexto que sinaliza para vários outros grupos e pessoas, envolvidos em um intenso movimento de transformação das práticas terapêuticas. A idéia da relação interpessoal, como fundamental para entender o sofrimento psíquico, pode ser notada em vários lugares dos Estados Unidos, da Europa e da América Latina.

Entre as teorias e as terapias que estavam transformando a compreensão do sofrimento psíquico, pelo aspecto relacional, podemos citar variadas referências. No contexto dos grupos há: o desenvolvimento da teoria de campo de Kurt Lewin; Bion e sua ênfase no grupo como um todo que tem uma dinâmica própria; os grupos de encontro de Carl Rogers que, inserido no movimento do potencial humano, representava a visão humanista; a *gestalt-terapia* com uma teoria da relação todo/parte, figura/fundo e seu trabalho com grupos; o psicodrama, cujo fundador, Moreno, é apresentado como um dos primeiros a atender um casal, nos anos 30, na Europa. Há propostas interessantes que valorizam o relacional e precisam ser repensadas: a psiquiatria comunitária; os psiquiatras interpessoais como Sullivan e Frida From-Reichman; na Tavistock Clinic, os trabalhos de John Bowlby e de Laing; os psicanalistas argentinos e a teoria do vínculo de Pichon-Rivière, dentre outros.

Poderíamos terminar aqui e já teríamos uma grande diversidade de fontes de inspiração para a Terapia de Família. Tantas diferentes fontes, tantas diferentes histórias que podem ser contadas. Entre elas, citemos algumas mais: o movimento de orientação à criança; o aconselhamento conjugal; o trabalho com famílias, realizado por assistentes sociais; a influência da sociologia e da antropologia; os diversos pesquisadores da esquizofrenia, entre eles, Bowen e Wynne, ambos influenciados pela Psicanálise; etc. (Nichols & Schwartz, 1998).

Ilustrar este contexto histórico com a trajetória de uma terapeuta de família, pode-nos ajudar a compreender o valor desta diversidade. Pensemos em Virginia Satir, uma das poucas mulheres a iniciar esta prática terapêutica. Uma assistente social que, entre psiquiatras homens, coordenou um dos primeiros cursos de formação em Terapia de Família, localizado no MRI. Virginia Satir não era uma terapeuta estratégica nem uma terapeuta sistêmica convencional. Representava uma vertente humanista e não rejeitava os referenciais psicológicos, trabalhando com o conceito de auto-estima e com o reconhecimento do indivíduo singular.

Como uma rede que nos enlaça, estas diferentes histórias, citadas acima, formam a singular história da Terapia de Família no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro. Nesta cidade realizamos uma pesquisa que confirma a inicial predominância da teoria sistêmica e que, ao mesmo

² Os terapeutas do grupo de Palo Alto fazem questão de se diferenciar do behaviorismo, já que compreendem o comportamento como comunicação, não-localizado no indivíduo. Entretanto, chama-nos a atenção o que eles têm em comum: a ênfase no exterior e na possibilidade de sua observação, afastando-se de uma compreensão intrapsíquica.

tempo, revela a diversidade na trajetória dos terapeutas de família cariocas (Ponciano, 1999; Ponciano & Féres-Carneiro, 2001). Entre nós, há um amplo leque de alternativas teórico-práticas, implicando uma diversidade de histórias a serem contadas.

Na cidade do Rio de Janeiro há uma predominância de instituições formadoras que se orientam pela referência sistêmica, uma em universidade pública e cinco em clínicas particulares. Há, no entanto, três instituições, uma em universidade pública e duas em clínicas particulares, que se sobressaem por adotarem a referência da Terapia de Família Psicanalítica, baseada nos psicanalistas ingleses, nos grupais franceses e nos argentinos das teorias das configurações familiares (Almeida Prado, 1992; Ruffiot et al., 1985; Ruiz-Correa, 2000).

Primeiros Momentos: o Contexto dos Anos de 1970 no Brasil

Tecemos, aqui, algumas considerações sobre como construímos uma história da Terapia de Família, localizada no Rio de Janeiro, na intenção de fazer um levantamento inicial e uma sistematização para pesquisas posteriores nesse campo, vinculando as histórias do Brasil e da América Latina. Dirigimo-nos, então, para a construção de uma história da Terapia de Família na cidade do Rio de Janeiro, exemplificando com a formação dos terapeutas de família entrevistados no final da década de 1990.

Os anos 70 marcam o início da Terapia de Família no Rio de Janeiro “com uma distância de 20 anos em relação às origens norte-americanas”, conforme nos lembra Teixeira (1997). No Brasil, os anos 70 foram os da ditadura militar com:

(...) uma forte política ditatorial que esmagava qualquer iniciativa de cunho democrático. (...) Com um contexto marcado pelo autoritarismo, diversas reações começaram a se manifestar, em busca de novas concepções. Uma delas, a das Comunidades Terapêuticas se destaca e é considerada uma importante precursora das terapias familiares sistêmicas no nosso território. (p. 100)

Há, portanto, um contexto propício para o surgimento da Terapia de Família. No final dos anos sessenta, havia nos hospitais psiquiátricos uma insatisfação crescente com os métodos tradicionais que não rompiam com o *ciclo internação-alta-internação*, ocasionando um aumento de interesse quanto ao que ocorria fora das instituições. Considerava-se, principalmente, o que levava as famílias a não quererem cuidar de seus membros doentes, expulsando-os e entregando-os aos médicos. No contexto institucional, crescia a reflexão quanto à indiferença referente à participação da comunidade e da família nos tratamentos, levando ao isolamento da própria instituição psiquiátrica (Teixeira, 1997).

Outros acontecimentos importantes são levantados por Teixeira (1997) como determinantes para o início da Terapia de Família no Rio de Janeiro. Vamos nomeá-los e lembrar as semelhanças com a história da Terapia de Família nos Estados Unidos: a expansão da Psicanálise, tanto em instituições públicas, como privadas; as Teorias Grupais; o trabalho já conhecido dos assistentes sociais com família; e a criação de Centros de Orientação infanto-juvenil, que começam a valorizar a participação dos pais no tratamento de crianças e adolescentes.

No Rio de Janeiro e nos grandes centros urbanos do Brasil, vivíamos o *boom* da Psicanálise. Segundo Russo (1987), uma importante característica desse momento é a “psicologização da família”, querendo:

(...) com essa expressão indicar uma espécie de ‘tutagem’ da família por ‘especialistas psi’. (...) O termo genérico ‘especialista psi’ engloba, além dos psicanalistas propriamente ditos, uma série de outros especialistas que gravitam em torno da psicanálise mais ou menos explicitamente. (p.190)

Inserimos o início da Terapia de Família nesse contexto dos anos de 1970. A Psicanálise e/ou os “especialistas psi” ganham força em sua influência na família, “tornando-a um lugar de entrecruzamento dos discursos sobre a normalidade e a saúde” (Russo, 1987). Nesse momento histórico, encontramos ainda um processo crescente de “nuclearização” da família brasileira, como consequência da melhoria das condições de vida, do crescimento econômico que permitia um movimento de ascensão social, para alguns, implicando “um certo grau de rompimento com a família e o universo de origem”. Destaca-se uma ênfase crescente no “indivíduo enquanto sujeito moral em oposição à idéia do indivíduo como parte de uma rede mais ampla de relações e de solidariedade”. Um “projeto individualizante”, cada vez mais presente na sociedade brasileira, pode se corporificar na família nuclear, isto é, há “uma vinculação estreita entre nuclearização da família e *individualização* (da família como um todo ou de cada um de seus membros)”. (Russo, 1987, p. 195)

Vive-se, portanto, um momento em que o Brasil, de forma geral, está se modernizando, ocasionando modificações em vários aspectos da sociedade, incluindo a família. Russo (1987) chama-nos a atenção de que esse processo de modernização caracteriza-se por um intenso contato com “valores vindos dos países centrais”. Pensamos, assim, estar incluída a novidade terapêutica que representa, nesse momento, a Terapia de Família. Além disso, confirmamos nossa idéia de que a família nuclear é fundamental para esse início, até no Brasil. É um momento em que os valores tradicionais perdem seu espaço em nome de valores mais modernos, os democráticos, os da intimidade em detrimento da família mais ampla (Coimbra, 1999; Figueira, 1987; Ponciano, 1998, 2002). A Psicanálise nes-

se contexto pode ser vista como forte aliada da Terapia de Família. Disseminando-se na sociedade brasileira, a Psicanálise prepara o solo para várias modalidades de práticas terapêuticas.

(...) o *boom* 'psi' dos anos 70 foi sobretudo um *boom* psicanalítico. Consumia-se psicanálise, falava-se 'psicanalês', o mundo das relações pessoais era interpretado em termos psicanalíticos. Outras práticas e teorias psicológicas já despontavam no 'mercado terapêutico', mas a psicanálise permanecia como referência - seja negativa (no caso das práticas que se afirmavam a partir de uma crítica ao 'intelectualismo' e ao 'elitismo' do tratamento psicanalítico), seja positiva (práticas que propunham uma terapia de 'base psicanalítica' ou francamente inspiradas na psicanálise). (Russo, 1999, p. 68)

A história da Terapia de Família no Brasil tem cerca de 30 anos. Pouco, porém, se conhece sobre essa história. Sabe-se que os primeiros brasileiros obtiveram a sua formação em cursos fora do Brasil, trazendo para cá as novidades que lá encontraram. Com este início solitário, a Terapia de Família foi, aos poucos, encontrando seu espaço em instituições.

Construindo uma História da Terapia de Família na Cidade do Rio de Janeiro

Uma história da Terapia de Família no Rio de Janeiro, portanto, pode ser narrada a partir dos seus traços mais marcantes, no que tange à sua origem. Um deles refere-se ao fato de que os primeiros terapeutas de família cariocas buscaram suas formações fora do Brasil, principalmente nos Estados Unidos da América. Outro traço importante diz respeito aos primeiros encontros desses terapeutas de família, retornando ao Brasil, com profissionais interessados por esta nova abordagem. Ao final da década de setenta, começam a se compor grupos, inicialmente de modo informal, em duas universidades: a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especificamente no Instituto de Psiquiatria (IPUB), e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É, então, a partir desses encontros que surgem os primeiros cursos de formação, sendo um na própria UFRJ e outro que se inicia juntamente com a fundação de uma instituição clínica particular, o CEFAC, específica de Terapia de Família e voltada para adolescentes e crianças, com profissionais vindos tanto da PUC-Rio quanto da UFRJ.

No Rio de Janeiro, temos, atualmente, dentre as instituições formadoras, duas instituições públicas que atendem famílias, ao mesmo tempo que formam terapeutas em seus cursos, um na UFRJ e outro na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Entre as instituições particulares citamos Mosaico, ITF (Instituto de Terapia de Família), Núcleo, CEFAC (Centro da Família, Adolescência

e Infância), SPAG (Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo) e *Delphos*.

Entrevistamos um terapeuta pioneiro de cada instituição formadora, somando um total de oito entrevistados. As entrevistas foram realizadas no local de trabalho dos terapeutas, de acordo com a disponibilidade de horário de cada um. Todas as entrevistas foram gravadas com a permissão dos entrevistados. Para a análise das entrevistas, utilizamos a metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 1979) estabelecendo categorias comuns aos entrevistados, incluindo igualmente a diferenciação mais específica de cada um. Neste, trabalho, apresentamos somente parte da análise realizada.

A seguir, são apresentadas as características dos entrevistados, enfatizando a formação: T.1 - Psicologia (1976), Mestre em Psicologia, formação em Terapia de Família - 1987; T.2 - Medicina - Especialização em Psiquiatria (início dos anos 70), Psicanalista, formação em Terapia de Família realizada em grupo de estudos no início dos anos 80; T.3 - Psicologia (1976), Psicanalista, formação em Terapia de Família - 1985; T.4 - Psicologia (1971), Psicanalista, formação em Terapia de Família "ao longo do caminho (no exterior)" com início nos anos 70; T.5 - Psicologia (1975), Mestre em Comunicação Social - 1999, formação em Terapia de Família - 1978; T.6 - Psicologia (1972), Psicodramatista, Especialista em Psicologia Social, formação em Terapia de Família no início dos anos 80; T.7 - Psicologia (1978), Doutora em Psicologia Clínica - 1995, Psicanalista, formação em Terapia de Família no final dos anos 70; T.8 - Medicina - Especialização em Psiquiatria (1974), Psicanalista e Psicodramatista, formação em Terapia de Família com Andolfi, Minuchin, Whitaker, Haley - no final dos anos 70.

Temos, então, a apresentação dos oito entrevistados, compondo um grupo formado por seis mulheres e dois homens. Todas as mulheres são psicólogas e os dois homens são médicos (psiquiatras). Essas características iniciais são, por um lado, representativas do campo da Terapia de Família no Rio de Janeiro, porque, em sua maioria, os terapeutas de família são mulheres e, provavelmente, são psicólogas. Por outro lado, não se pode afirmar que essa seja uma caracterização suficiente, já que encontramos, dentre os terapeutas de família, uma grande variedade de outros tipos de profissionais como pedagogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais, etc.

A década em que os profissionais entrevistados se graduaram foi a de 70. Os psicólogos fizeram curso na UFRJ e na PUC-Rio, com uma única exceção de uma psicóloga que cursou na PUC de São Paulo. Os dois médicos graduaram-se na UEG (atual UERJ) e na UNI-Rio. A aproximação dos médicos com a Terapia de Família ocorre após a especialização em Psiquiatria, a partir da prática em hospitais e/ou serviços psiquiátricos. Os psicólogos, porém,

relatam ter um contato inicial com a Terapia de Família desde a graduação, confirmando o pioneirismo das universidades citadas.

A formação em Terapia de Família também é iniciada na década de 70 por metade de nossos entrevistados, enquanto a outra metade faz sua formação na década de 80. Na década de 70 só havia duas instituições que ofereciam formação em Terapia de Família. As duas instituições eram públicas, UFRJ e UERJ, sendo que os dois profissionais, T.5 e T.7, que fizeram lá a sua formação, afirmam ser um início ainda não oficial, isto é, eram cursos que só foram reconhecidos posteriormente pelas universidades, após uma formalização institucional. Três dos nossos entrevistados, T.2, T.4 e T.8, realizaram sua formação através de grupos de estudos e contato com terapeutas de família estrangeiros, geralmente, fora do Brasil. Outros três entrevistados, T.1, T.3 e T.6, formaram-se em instituições particulares que já propunham, na década de 80, cursos de formação em Terapia de Família.

Outra característica interessante de nossos entrevistados é a formação paralela de psicanalista. Lembremos que aos anos de 1970 correspondem o *boom* da Psicanálise. Cinco entrevistados, T.2, T.3, T.4, T.7 e T.8, afirmam terem, ao mesmo tempo, se formado como psicanalistas e terapeutas de família, exercendo as duas possibilidades clínicas. Três deles, porém, afirmam ser hoje mais terapeutas de família do que psicanalistas. É uma peculiaridade específica desses pioneiros no Rio, já que nos Estados Unidos os pioneiros, muitas vezes, mesmo com a formação em Psicanálise, tendem a rejeitá-la, considerando-a incompatível com a nova intervenção terapêutica (Nichols & Schwartz, 1998). Dois dos entrevistados, T.6 e T.8, também realizaram formação em Psicodrama, trazendo para sua prática, como terapeutas de família, as técnicas específicas dessa referência.

Uma última característica importante é a formação acadêmica. Somente três realizaram curso de pós-graduação *strictu sensu*, sendo que dois deles, T.1 e T.5, fizeram mestrado e um, T.7, fez doutorado. Seriam necessárias mais pesquisas quanto a esse aspecto. Entretanto, só mais recentemente a Terapia de Família, no campo internacional, tem se firmado na universidade, realizando pesquisas acadêmicas. A tendência mais forte, inicialmente, foi sua afirmação em clínicas particulares. Pesquisas foram realizadas nesse âmbito, como as do MRI. Havia e ainda há uma precaução quanto à realização de pesquisas acadêmicas, geralmente, por se considerar a academia pouco afeita às inovações (Nichols & Schwartz, 1998).

Apresentamos alguns relatos de trajetórias profissionais, indicando as principais características, já discutidas. Primeiramente, trata-se da história de uma formação que faz parte da história da Terapia de Família no Rio de Janeiro em contato com a novidade que vem do exterior e visi-

velmente diferente na convivência que mantém com a Psicanálise. Esta trajetória também revela que, desde o início, há um contato com outros países da América Latina, tais como o Chile e a Argentina.

“Porque eu estava aqui na UFRJ, depois com a coisa política no Brasil naquele momento eu fui pra Santiago do Chile. A UFRJ era muito centrada na pesquisa, então eu fui pra PUC porque eu estava querendo clínica. Então lá em Santiago do Chile eu comecei uma clínica mais direcionada pra criança, Psicanálise infantil uma linha inglesa kleiniana e aí quando você é terapeuta infantil você vai encontrando alguma coisa na... no grupo... a criança começa a melhorar um pouquinho tiram da terapia. Você começa a sentir que você entra num sistema em que a melhoria de um, altera muito as variáveis. E aí quando eu estava lá no Chile é... como analista de criança já eu tive uma informação vinda de uma assistente social em que ela me disse: “Ah!! essas coisas, essas questões que você está levantando eu tenho um artigo, eu tenho um livro com coisas interessantes com um psicanalista nos Estados Unidos. Está levantando essas questões, Ackerman. É... e fala da família e fala...”. Aí foi o primeiro livro que eu li, pouco tempo depois que eu fiz essa lida acho que uns três anos depois desse livro eu tive que ir embora por causa do Pinochet e aí fui pra Buenos Aires onde eu entrei pra um centro comunitário, é... onde estavam um grupo de pessoas que eu já estava interessada na forma de pensar e aí eu fui trabalhar com eles que era um centro que... numa equipe que era equipe de famílias. Já não mais me senti como analista de criança comecei a pensar e aí comecei a ter uma informação sistêmica mais afinada, mais rigorosa e aí continuei com algumas reflexões que a Psicanálise marca. Mas, fui indo desenvolvendo essa linha... do sistêmico. Então, com a... Mas, isso era sempre assim um pé na Psicanálise, um pé no sistêmico... fiz essa trajetória toda de uma clínica muito singular por causa dessas questões eu nunca fui uma sistêmica puríssima e nunca fui uma psicanalista tão pura porque eu circulava de alguma forma na minha clínica com uma leitura contextual e uma leitura do intrapsíquico. Até que quando sai dentro da... quando a leitura contextual vai saindo dessa etapa dos sistemas, vai entrando mais na coisa da construção do sentido através do Construcionismo Social, do Construtivismo, aí eu me sinto melhor porque aí faz um sentido faz uma ponte entre as minhas questões.”(T.4).

Traremos mais um relato que se posiciona positivamente quanto à integração de diferentes linhas teóricas, surgidas na história da Terapia de Família. Há a idéia de uma passagem pelas várias linhas teóricas, ocasionando em uma transição que não necessariamente provoca ruptura.

“Eu tive contato com todos teóricos na formação e é isso que a gente tá dando aqui também. Dá uma possibilidade de não definir uma escola. Eu fiz assim e eu gostei (não ir direto pra uma linha). Eu fui aperfeiçoar e fazer um curso com Cecchin, com Andolfi e com Minuchin. Depende

muito do sistema que você tá lidando pra usar uma ou outra. Você pode integrar as coisas, no momento que você tiver aquela família, aquele sistema na sua frente com aquela específica situação. Às vezes na hora você vê que na hora que isso aqui se eu abordar de uma forma da trigeracionalidade vai ser fantástico... Acho que o Construtivismo fecha qualquer coisa, ele completa, pra completar o trabalho. A gente acredita nisso também enquanto psicodramatista. (...) A linha que eu sigo mais é o Sociodrama Sistêmico-Construtivista que é uma linha dos psicodramatistas que utilizam, agregam o conhecimento da teoria dos sistemas que agregam as linhas sistêmicas no que são bem compatíveis” (T.6).

A Terapia de Família na cidade do Rio de Janeiro começa pautando-se nas principais Escolas da época (anos 70), como a Estratégica (MRI) e a Estrutural (Minuchin), mas convive com a Psicanálise, não rejeitando-a como prática. É difícil dar um nome único a linha da Terapia de Família no Rio de Janeiro, identificando uma direção exclusiva.

Por um lado, como nós já indicamos, a diversidade está presente na história da Terapia de Família como um todo, sendo compreensível que se apresente assim também no Rio de Janeiro. Por outro lado, voltamos às questões de quem somos e o que fazemos, tendendo a responder que há tantas Terapias de Família quantos são os terapeutas de família.

Os relatos dos entrevistados remete-nos, em alguns aspectos, à história da Terapia de Família nos Estados Unidos. Os primeiros terapeutas de família trabalhavam isolados sem se conhecerem. Posteriormente, seus trabalhos foram conhecidos em um movimento de busca de troca entre os pares. No caso do Rio de Janeiro, inicialmente, a troca se deu quando os convidados estrangeiros vinham para cá ou quando alguns terapeutas viajavam para realizarem cursos fora do país, destacando-se a Argentina. Há um “temor inicial” geral quanto à novidade, seguido de um “momento mais aberto em que se pode criar mais com o respaldo do exterior”, afirmando a possibilidade dessa prática e a promessa quanto à “melhora do paciente identificado” (T.6).

“Foram movimentos isolados cada um na sua instituição. A sensação que eu tive foi que eu estava iniciando uma coisa nova. Iniciando uma coisa nova e até hoje eu me sinto trabalhando a... o movimento desenvolveu muito mas de um lado assim chamado alternativo, contra a corrente tradicional...” (T.8).

“O início da Terapia de Família como uma especificidade terapêutica eu acho que foi quando as pessoas começaram...a enfrentar os questionamentos quanto a atender o grupo familiar, as pessoas tiveram que receber essa informação do exterior de que estava dando certo, me lembro que Virginia Satir... mas o pessoal teve que ir pra lá pra

receber esse enfoque de agregar os mesmos elementos de um grupo familiar na mesma sala” (T.6).

“(…) alguns terapeutas argentinos que vieram dar alguns cursos aqui e que também foram bastante importantes, o CEFYP (Centro de Familias y Parejas de Buenos Aires) Adolfo Loketek e Maria Rosa Glasserman...” (T.1).

Estes terapeutas nos fazem pensar que elaborar uma história da Terapia de Família ajuda-nos a refletir sobre as nossas origens, os caminhos tomados e as possibilidades abertas e fechadas. Com esses percursos, podemos ter algumas indicações quanto ao futuro.

Todos os entrevistados, sem exceção, afirmam que estamos vivendo o *boom* da Terapia de Família na cidade do Rio de Janeiro, desde os anos de 1990. Acreditam que a tendência é haver um crescimento ainda maior com a divulgação e a penetração da Terapia de Família em vários espaços. A Terapia de Família firmou-se conquistando seu lugar, consolidou-se, diversificou-se e não precisa mais “brigar com a Psicanálise” ou negar o intrapsíquico.

Então eu acho que os próximos tempos são de muitas diversidades teóricas. Cada centro encontrando sua excelência, os congressos estão muito populosos, as pessoas são as mais variáveis possíveis. Se no começo estava muito associado à linha sistêmica hoje em dia todo mundo faz Terapia de Família. Pode ser psicanalista, pode ser isso ou aquilo. Sistêmica é uma das linhas teóricas. “(…) E eu acho que nesse momento... eu acho que também as questões que a terapia é... que foi considerada a terapia do contexto que era só de família está podendo abrir questão: como é ser um indivíduo dentro da família? Porque era tudo o grupo, porque estava brigando lá com a Psicanálise. Há tantos anos, já com o seu perfil, pode parar pra perguntar como é que é o individual dentro do sistema” (T.4).

Entretanto, a diversificação teórica da Terapia de Família é reivindicada por quem ainda sente-se isolado nesse meio. A maioria das instituições, no Rio de Janeiro, tem a sua base, fundamentalmente, na Teoria Sistêmica. É preciso abrir mais espaço para a Psicanálise. “(…) Eu lastimo que tenha um vigor bastante grande na linha sistêmica e menos na linha psicanalítica” (T.7).

O III Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, junto ao I Encontro Latino Americano, foi realizado no Rio de Janeiro, entre os dias 29 de julho e 02 de agosto de 1998. Este Congresso foi várias vezes lembrado pelos entrevistados como um marco na história da Terapia de Família no Rio de Janeiro e no Brasil, porque foi palco de importantes discussões quanto à formação do terapeuta de família e quanto à importância da integração e das ações conjuntas.

“Trouxe: a importância da institucionalização da formação e da terapia, a importância das associações regionais, a importância do entrosamento entre os vários profissio-

nais. (...) O Congresso Brasileiro como espaço de troca, consolidando o crescimento” (T.6).

“Eu acho que a realização do Congresso Brasileiro de Terapia de Família ele trouxe... (...) grupos que se articulam em parcerias, num processo colaborativo e solidário. (...) Nós criamos a nossa Associação de Terapia de Família. Nesse momento tem uma nova diretoria que foi fruto do trabalho do Congresso. Então, é uma diretoria que tem todas as instituições representadas e no espírito de muita colaboração que a gente possa trazer cada vez mais questões da prática, da vida, dos trabalhos que estão sendo produzidos, que se possa falar sobre esses trabalhos, conversar sobre as questões da prática terapêutica. Eu vejo como uma coisa de futuro” (T.1).

Este e os dois primeiros Congressos, um em São Paulo e o outro no Rio Grande do Sul, são organizados pela ABRATEF (Associação Brasileira de Terapia Familiar) e pelas associações de cada estado (regionais). Tudo começou em 1988 na Bahia. Lá ocorreu o primeiro encontro de terapeutas de família do Brasil. Foi uma iniciativa do CEFAC (Centro de Família, adolescente e criança) de Salvador. Esses terapeutas de família, no total de 134, não se conheciam pessoalmente, nem os trabalhos de cada um, e não sabiam exatamente o que iria acontecer nesse encontro de três dias, sem programação previamente definida. Mas descobriram, com surpresa, as semelhanças entre eles principalmente na escolha da Teoria Sistêmica como referência. Os estados que se fizeram representar foram: Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará, Distrito Federal, Amazonas, Paraná, Rio Grande do Norte, Paraíba, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Ceará. Desse encontro, nasce a idéia de criar uma associação brasileira de terapeutas de família. Mais dois encontros são realizados: um em Minas (1990) e outro em Brasília (1992). Esses são encontros com uma maior sistematização, caminhando para a consolidação de um processo de criação da associação brasileira. Em São Paulo, no ano de 1994, é fundada a ABRATEF no I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar.

O III Congresso, no Rio de Janeiro, toma a iniciativa de implementar um levantamento da história da Terapia de Família no Brasil. Tereza Diniz, na ocasião presidente da ATF-Rio e da ABRATEF, faz a abertura do Congresso, apresentando as informações que aqui trazemos³. Posteriormente, com o encerramento do Congresso, a presidente da ATF-Rio, em nome dos organizadores, consolida o ponto de partida inicial, oferecendo ao próximo presidente da ABRATEF e presidente da ACOTEF (Associação Centro-Oeste de Terapia Familiar), Ileno Izídio da Costa, um

³ Tereza Diniz recebeu-nos para mostrar-nos alguns dos documentos e informações já acumuladas e apresentadas no referido Congresso.

álbum de retratos dos Encontros e Congressos que simboliza a continuidade desse levantamento histórico.

O III Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, realizado no Rio de Janeiro, significa para os terapeutas de família cariocas, das diversas instituições representadas em nossa pesquisa, um marco quanto às trocas entre eles. Um movimento inicial em que se passa dos estrangeiros aos nossos e que tende a ser a tônica dos congressos futuros, isto é, a Terapia de Família que se fez, se faz e se fará no Brasil. Os terapeutas de família brasileiros querem saber quem são e a que vieram. Eles têm se reunido nas associações para discutir temas como: currículo mínimo para a formação de terapeuta de família, quem pode ser terapeuta de família, como se posicionar no mercado diante da população interessada, diferenças regionais no Brasil, o que é a Terapia de Família, quem pode fiscalizá-la, diferenças entre a formação nas universidades e nas clínicas particulares, incentivo à pesquisa e à produção acadêmica, entre outros temas.

Cresce a Terapia de Família no Rio de Janeiro. E, por conseqüência, estamos vivendo um momento de intensificação dos encontros e dos debates. Muitas questões estão sendo levantadas, gerando uma preocupação cada vez maior com as escolhas dos caminhos para encontrar as respostas. Construimos, aqui, uma das possibilidades ao fazer um percurso histórico da Terapia de Família. Esperamos, assim, contribuir para uma reflexão nesse campo.

Da Diversidade à Possibilidade de Articular Diferentes Enfoques em Terapia de Família

A diversidade, que historicamente nos forma, é uma das maneiras pelas quais podemos compreender a nossa motivação para discutir o tema da articulação entre diferentes referenciais teórico-práticos (Féres-Carneiro, 1994, 1996a). No Brasil, e especialmente no Rio de Janeiro, não se estabelecem separações radicais entre as diferenças. Gostamos de pensar a nosso respeito como um povo que acolhe as diversidades e as assimila. Pode-se até dizer que isto é um mito ou que a realidade não é inteiramente esta. De qualquer forma, se há um exemplo a ser dado, a favor desta visão sobre nós mesmos, este é o da assimilação das teorias e dos autores estrangeiros (norte-americanos, latinos e europeus), sistêmicos e/ou psicanalistas que, na Terapia de Família, nos influenciaram e continuam influenciando.

O momento atual, após décadas de história da Terapia de Família, tem se mostrado propício a uma reflexão quanto à articulação de diferentes referenciais teórico-práticos, juntando os que versam sobre sistemas/relações com os que versam sobre o sujeito. É possível, hoje,

ressaltar a importância tanto do sistema quanto do sujeito, tanto do todo quanto da parte, na elaboração teórica e na prática terapêutica dos terapeutas de família. A crítica feminista e a entrada do observador no sistema, caracterizando a segunda cibernética, relançaram a singularidade, a diferença e a história no campo da Terapia de Família, ampliando a compreensão do sistema terapêutico. Tanto o terapeuta quanto os familiares são reconhecidos em sua participação na resolução do problema, ao ser iniciado um processo terapêutico. Este momento histórico traz novas fontes de inspiração para a Terapia de Família e, principalmente, nos reconcilia com os saberes psicológicos, inclusive com a Psicanálise.

Podemos agora olhar para trás e visualizar um escopo muito maior de influências que determinam a prática de diferentes terapeutas até hoje. Outros nomes surgem para designar a prática terapêutica, tais como Construtivismo e Construcionismo Social. O primeiro é baseado em uma compreensão do indivíduo como autônomo, segundo o conceito de *autopoiesis* de Maturana e Varela (1980). O segundo baseia-se na estreita dependência do indivíduo para com seu meio social (Gergen, 1994). Estas duas vertentes representam uma polarização que, levadas ao extremo, podem configurar uma disputa.

Contudo, ainda que haja a possibilidade de dominação de um modelo sobre o outro, não é mais possível defender a fixação de um único modelo a ser seguido. Nossa escolha privilegia articular referenciais que nos ajudem a compreender tanto as relações quanto o intrapsíquico, considerando-os como dois espaços distintos, inseparáveis e inter-relacionados. Diante desta perspectiva duas questões devem ser propostas. Como articular diferentes referenciais teórico-práticos? Para tal articulação, quais critérios seriam utilizados?

O movimento de reunir diferentes referenciais teórico-práticos insere-se no contexto maior da Psicologia e tem recebido o nome de integração (Norcross & Goldfried, 1992; Sternberg & Grigorenko, 2001; Yanchar & Slife, 1997). Lebow (1997) considera que a era da integração, na Terapia de Família, inicia-se nos anos 80 com a quebra das fronteiras entre as escolas, quando terapeutas estruturais, fundamentados no “aqui-e-agora”, também trabalham com família de origem; ou quando terapeutas trabalham com a teoria das relações objetais, a teoria da comunicação e uma visão pragmática da terapia, voltada para solução de problemas. Estes são apenas dois exemplos que indicam a presença, cada vez menor, das escolas puras. Talvez para alguns misturar as abordagens seja o suficiente. Para outros, é preciso que haja uma combinação específica de ingredientes de acordo com um claro critério.

Segundo Lebow (1997), integrar é combinar abordagens que não são inerentemente contraditórias, sendo necessárias algumas condições para a integração: 1) misturar não só estratégias e intervenções, mas realizar algum esforço para construir uma teoria que transcenda as abordagens; 2) construir métodos que cruzam os limites de uma perspectiva filosófica determinada; 3) utilizar o termo *assimilação* quando se usa uma intervenção de uma abordagem em outra, por exemplo, a utilização do genograma na teoria estratégica; e, 4) integrar é mais do que juntar a teoria sistêmica e uma outra abordagem, por exemplo, a Psicanálise.

É necessária uma nomenclatura específica para descrever uma prática integrativa, diferenciando-a do eclétismo dos anos 60 e 70. Em uma visão mais sofisticada, uma diferença conceitual surge entre estes termos. O termo eclético liga-se a uma concepção pragmática, com uma abordagem baseada em cada caso, em técnicas e não em teorias. Tomando outra direção, a integração é uma mistura mais extensiva de abordagens, direcionando-se para a construção de uma meta-teoria.

Os conteúdos dos modelos integrativos fundem-se do material bruto das escolas. A fusão ocorre em três níveis: 1) nível conceitual, com a construção de uma meta-teoria, definindo uma compreensão dos elementos essenciais do funcionamento humano e dos processos de mudança; 2) nível da estratégia terapêutica, desenvolvendo táticas efetivas consistentes com a teoria; e, 3) nível da intervenção com técnicas específicas para executar a estratégia terapêutica.

Algumas observações importantes devem ser feitas a respeito das tensões existentes entre dois ou mais modelos, tais como a integração de modelos diretivos, centrados na técnica, com modelos centrados na pessoa do terapeuta. Deve-se enfatizar um trabalho sobre o *self* do terapeuta, ajudando-o a compreender o que faz para tornar mais consistente e eficaz a integração na teoria e na prática clínica (Lebow, 1997).

Concordamos com a proposta de Lebow (1997) com uma ressalva quanto ao termo integração. Por dois motivos, preferimos expressar nossa idéia com a palavra articulação. O primeiro refere-se à cautela com que lidamos com a perspectiva de criar uma meta-teoria. Suspeitamos que o termo integração conota a busca de um todo harmonioso, anulando possíveis tensões que nos alertam para a contínua reflexão sobre o que está sendo realizado. E, em consequência do primeiro motivo, preferimos articulação por conotar a aproximação de diferenças que se inter-relacionam, não escamoteando as tensões que precisam ser pensadas.

É com esta possibilidade de articular enfoques distintos que encontramos o caminho para entrelaçar as ques-

tões do indivíduo e do seu grupo familiar, do sujeito nas suas relações (Ponciano, 2004). Na perspectiva sistêmica, a busca pela modificação do padrão internacional, a partir do comportamento, leva a uma desatenção quanto aos processos psíquicos que podem estar influenciando a promoção de saúde. Na perspectiva psicanalítica, a preocupação em expressar os desejos inconscientes pode não ajudar o terapeuta a propiciar à família e a seus membros uma compreensão de como as relações são importantes no desenvolvimento da saúde ou da doença emocional (Féres-Carneiro, 1996a, 1996b).

Nicolló (1988) fala de um rigor elástico, ou seja, de uma atitude que requer nas disciplinas psicológicas, a intuição e a subjetividade do observador, que são insubstituíveis para a construção do conhecimento. Lemaire (1984) ressalta a necessidade de uma tríplice chave de leitura, no trabalho com família e casal, que inclui o intrapsíquico, o sistêmico-interacional e o social. Estes dois autores confirmam a possibilidade de articular diferentes enfoques na Terapia de Família, incluindo referenciais que formulem uma compreensão a respeito do sujeito, das relações familiares e do social (Féres-Carneiro, 1996b).

Para esta proposta é necessário que nosso trabalho teórico seja intimamente articulado à nossa prática clínica. Não há uma resposta simples, mas a teoria precisa ser relacionada com a clínica e validada por ela; e esta, por sua vez, deverá ocasionar mudanças na teoria. É imprescindível, para aqueles que desejam se aventurar nesta proposta, desenvolver um rigor teórico aliado a uma investigação pragmática, a fim de que a articulação se torne mais clara e efetiva. Enfatizamos a pesquisa e o valor da teoria como um trabalho de elaboração, o que implica em não se fechar para as questões que podem transformar a construção teórico-clínica.

Todo conhecimento é construído. Pensamos, entretanto, ser necessária uma reflexão que viabilize a explicitação das escolhas teórico-práticas que vêm sendo feitas por terapeutas de família. A partir daí, poderemos realizar uma análise das semelhanças, das contradições, das questões epistemológicas, das tensões e dos pressupostos de cada referência que se unem em um determinado campo de escolhas, particularizando-as e aprofundando-as a cada caso. E, desse modo, se podemos afirmar com Ackerman (1971) que há tantas terapias de família quantos terapeutas de família, podemos adicionar a esta diversidade uma perspectiva de articulação que aproxime as diferenças de uma maneira sistêmica e criativa.

Esta é a nossa história. Este é o caso do Brasil e, mais especificamente, do Rio de Janeiro. Na nossa forma de

trabalhar e na nossa construção teórica estão contempladas tanto a assimilação de autores estrangeiros quanto a perspectiva da inovação e da articulação, o que nos faz um dos precursores do movimento conhecido nos Estados Unidos como integração. É preciso que haja um esforço de elaboração histórica, reconhecendo os percursos que fazem da nossa prática uma significativa contribuição para o campo da Terapia de Família. A fim de que esta contribuição se torne mais visível, muitas histórias ainda hão de ser contadas no Brasil e na América Latina.

Referências

- Ackerman, N. W. (1971). The growing edge of family therapy. *Family Process*, 10(2), 143-156.
- Almeida Prado, M. do C. C. de (1992). *Destino e mito familiar: uma questão na família psicótica*. Tese de Doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Brasil.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Martins Fonte.
- Brighton-Cleghorn, J. (1987). Formulations of self and family systems. *Family Process*, 26(2), 185-201.
- Coimbra, C. B. (1999) Práticas 'psi' no Brasil do 'milagre': algumas de suas produções. In A. Jacó-Vilela (Ed.), *Clio-Psyché: histórias da Psicologia no Brasil* (pp. 75-81). Rio de Janeiro: UERJ, NAPE.
- Féres-Carneiro, T. (1994). Diferentes abordagens em terapia de casal: uma articulação possível? *Temas em Psicologia*, 2, 53-63.
- Féres-Carneiro, T. (1996a). *Família: diagnóstico e terapia*. Petrópolis: Vozes.
- Féres-Carneiro, T. (1996b). Terapia familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 16(1), 38-42.
- Figueira, S. (1987). O 'moderno' e o 'arcaico' na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In S. Figueira (Ed.), *Uma nova família?* (pp. 62-93). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gergen, K. J. (1994). *Realities and relationships*. Cambridge: Harvard University Press.
- Lebow, J. (1997). The integrative revolution in couple and family therapy. *Family Process*, 36(1), 1-17.
- Lemaire, J. (1984). Thérapie familiale et thérapie du couple: convergences e divergences. *Dialogue: Recherches Cliniques et Sociologies sur le Couple et la Famille*, 75, 29-40.
- Maturana, H., & Varela, F. (1980). *Autopoiesis and cognition: The realization of the living*. Boston: D. Reidel.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (1998). *Terapia familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- Nicolló, A. M. C. (1988). *Soigner à l'intérieur de l'autre: Notes sur la dynamique entre l'individu et la famille*. Roma: Mimeo.
- Norcross, J. C., & Goldfried, M. R. (Eds.). (1992). *Handbook of psychotherapy integration*. New York: Basic Books.
- Ponciano, E. L. T. (1998) Quando se mete a colher: um olhar da antropologia para a terapia de família. *Cadernos IPUB*, 12, 145-171.
- Ponciano, E. L. T. (1999) *História da terapia de família: de Palo Alto ao Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Brasil.
- Ponciano, E. L. T. (2002) Família Nuclear e Terapia de Família: conexões entre duas histórias. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 2(2), 39-56.

- Ponciano, E. L. T. (2004). *Habitando espaços em movimento: indivíduo, família e contexto sócio-histórico*. Tese de Doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Brasil.
- Ponciano, E. L. T., & Féres-Carneiro, T. (2001). Diversidade de fontes de inspiração: uma perspectiva histórica da terapia de família. *Psico*, 32(2), 131-147.
- Ruffiot, A., Eiguer, A., Litovsky, D., Gear, M. C., Liendo, E. C., & Perrot, J. (1985). *La Thérapie familiale psychanalytique*. Paris: Dunod.
- Ruiz-Correa, O. B. (2000). *O legado familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Russo, J. A. (1987). A difusão da psicanálise nos anos 70: indicações para uma análise. In I. Ribeiro (Ed.), *Família e valores* (pp. 189-204). São Paulo: Loyola.
- Russo, J. A. (1999). Uma leitura antropológica do mundo 'psi'. In A. Jacó-Vilela (Ed.), *Clio-Psyché: histórias da Psicologia no Brasil* (pp. 67-74). Rio de Janeiro: UERJ, NAPE.
- Sternberg, R. J., & Grigorenko, E. L. (2001). Unified psychology. *American Psychologist*, 56(12), 1069-1079.
- Teixeira, S. B. S. (1997). *O Serviço Social com famílias e as terapias familiares; resolvendo dilemas e abrindo caminhos*. Tese de Doutorado não-publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1993). *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix.
- Winkin, Y. (Ed.). (1981). *La nouvelle communication*. Paris: Éditions du Seuil.
- Wittezaele, J. J., & Garcia, T. (1994). *La escuela de Palo Alto: historia y evolución de las ideas esenciales*. Barcelona: Herder.
- Yanchar, S. C., & Slife, B. (1997). Pursuing unity in a fragmented psychology: Problems and prospects. *Review of General Psychology*, 1(3), 235-255.

Received 08/12/2004

Accepted 08/08/2005

Terezinha Féres-Carneiro. Professora Titular e Coordenadora de Pós-graduação e Pesquisa do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Terapeuta de Família e Casal, Pesquisadora do CNPq/Brasil. Áreas de interesse: Terapia de família e casal; psicoterapias; avaliação familiar; família e saúde mental

Edna Lúcia Tinoco Ponciano. Doutora em Psicologia Clínica, PUC-Rio, Pesquisadora Associada IPUB/UFRJ/FAPERJ, Terapeuta de Família e Casal. Áreas de interesse: Terapia de família e casal; saúde mental.